

**EMBAIXADA DO BRASIL EM WINDHOEK**

**RELATÓRIO DE GESTÃO**

**EMBAIXADOR EDUARDO CARVALHO**

Transmito, a seguir, relatório simplificado de minha gestão à frente da Embaixada em Windhoek, no período de maio de 2015 a setembro de 2018.

As relações bilaterais entre o Brasil e a Namíbia passam por um período de renovado interesse mútuo. As visitas de alto nível se sucedem, com maior frequência de autoridades brasileiras, efeito não intencional do severo ajuste fiscal aplicado por Windhoek.

2. Desde minha chegada ao Posto, em 12 de maio de 2015, ficou evidente que o Brasil detinha imenso patrimônio de “soft power” junto ao Governo local. A fonte desta importante inserção, no entanto, não advinha das fontes tradicionais, mas de uma fonte sempre reconhecida como “hard power”, a significativa presença da Marinha do Brasil em território namibiano.

3. A cooperação militar se expande, com incremento das atividades do Exército Brasileiro e o adensamento da interação entre as duas Marinhas, inaugurando agora atuação mais sofisticada e ingressando na área de formulação de estratégica.

4. Neste cenário de difusa boa-vontade com a presença, mas excessivamente concentrada na vertente militar, identifiquei a necessidade de expandir o leque de interesses do Posto, abrir a Embaixada à sociedade e Governo namibianos e atuar de forma proativa no identificar oportunidades para o Brasil.

5. A diversificação de objetivos estratégicos tornou-se, assim, o norte de minha gestão, com a consequente abertura da Embaixada para novos interlocutores e com a elevação do perfil público do Brasil na Namíbia. Na vertente administrativa, foi possível promover a recuperação da estrutura física da Chancelaria, a modernização do parque informático, a recomposição da lotação dos funcionários administrativos e a regularização das contas da Embaixada.

**COOPERAÇÃO MILITAR**

6. A cooperação naval com a Namíbia remonta a 1994, quanto a África do Sul, recém liberada do regime do Apartheid, recuperou o porto de Walvis Bay. Logo em

seguida ao hasteamento da bandeira namibiana, a fragata brasileira “Niterói” fez entrada no porto, com as honras militares tradicionais. O Brasil marcou sua presença na história do país e reforçou o entendimento de que o Brasil considera o Atlântico Sul como espaço estratégico dos Estados ribeirinhos.

7. Desde 1994, mais de 900 oficiais e praças da Armada e dos Fuzileiros Navais da Namíbia foram formados por instrutores brasileiros, em boa parte nas escolas da Marinha situadas na cidade do Rio de Janeiro. Algumas instruções à tripulação a bordo das embarcações são emitidas em português, principalmente aquelas relativas aos cabos de amarração e atracação. Outra evidência da identidade entre as duas Marinhas foi a adoção, pelos militares namibianos, do uniforme brasileiro, seja na Armada, como nos Fuzileiros Navais.

8. Nos dois últimos anos, a cooperação alcançou patamar inédito de complexidade. As duas Marinhas já discutem políticas de engajamento e de emprego das respectivas belonaves, passo indispensável para um eventual uso conjunto das Forças.

9. A cooperação com o Exército é mais recente, teve início em 2014, com a presença de dois oficiais, em rotação anual, ministrando aulas de português, cultura brasileira e de instrução militar. O Exército brasileiro oferece vagas em todas as suas escolas, para oficiais e sargentos. No ano de 2019, retornarão à Namíbia os primeiros quatro Oficiais formados pela Academia Militar das Agulhas Negras, dois de Infantaria, um de Cavalaria e um de Engenharia. Fui informado pelo Secretário-Executivo do Ministério da Defesa, Almirante Vilho, de que serão aproveitados, em princípio, na Academia Militar de Osona.

## COOPERAÇÃO EDUCACIONAL

10. A cooperação na área educacional, como elemento da diversificação das atividades do Posto, passou a ser uma das prioridades de minha gestão. Desde 2016, 21 estudantes namibianos estão cursando Engenharia e Arquitetura, no âmbito do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC-G), nas seguintes Universidades:

- a) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- b) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);
- c) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
- d) Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);

- e) Universidade Estadual de São Paulo (UESP);
- f) Faculdade de Engenharia de São Paulo;
- g) Universidade Federal do Pará (UFPA);
- i) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
- j) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (RJ);
- k) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);
- l) Universidade Federal do Espírito Santo (UFES);
- m) Universidade Federal de Goiás (UFGO);
- n) Universidade Federal de Alagoas (UFAL);
- o) Instituto Federal da Bahia; e
- p) Universidade Federal do Tocantins (UFTO)

11. A distribuição geográfica dos alunos universitários namibianos cobre todas as regiões brasileiras, o que considero um importante elemento de divulgação da realidade nacional. Uma vez ao ano, os universitários retornam à Namíbia para as férias de verão e, nas reuniões de avaliação levadas a cabo pelas autoridades locais, podem dar depoimento sobre a experiência em cada uma de nossas regiões.

12. O Programa PEC-G prevê um primeiro ano de estudo exclusivo da Língua Portuguesa e, em seguida, o início do curso de graduação propriamente dito, em geral com duração de 4 a 5 anos.

13. Assim, em 2021, retornarão à Namíbia 21 novos engenheiros e arquitetos, que inicialmente serão aproveitados no setor público, com perfeito domínio do idioma português e com conhecimento prático da tecnologia brasileira.

14. Abre-se, portanto, outra frente para uma mais abrangente atuação dessa Missão Diplomática. Sugiro, nesse sentido, a criação de um “Clube” para manter viva a imagem do Brasil junto aos novos profissionais, os quais serão alçados, ao longo dos anos, a cargos de Direção na burocracia estatal.

## RELAÇÕES COM O PARLAMENTO

15. Dediquei especial atenção em aproximar a Missão das duas Casas do Congresso namibiano. Pela Constituição, a “National Assembly” é responsável pela elaboração das leis e palco das discussões relevantes para o País. O Presidente daquela Casa, Professor Peter Katjavivi, tornou-se próximo da Embaixada e promoveu alguns eventos em conjunto, como visita de “fact finding” à Região do Kunene e o primeiro Festival de Cinema Brasil-Namíbia.

